Do Rio Paraty à Barra do Itapocu:
povos e culturas tradicionais em Araquari.

Tiago Castaño Moraes

Joinville, Novembro de 2025

M828r

Moraes, Tiago Castaño . Do Rio Paraty à Barra do Itapocu: povos e culturas tradicionais em Araquari / Tiago Castaño Moraes, 2015. 30 p.

1. Patrimônio Cultural 2. história de Araquari. 3. Povos Originários. 4. Quilombola. 5. Açorianos.

Notas sobre o autor: Graduado em História pela Universidade Federal de São João Del-Rei (2007), e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História da UDESC (2020), na linha de pesquisa "Políticas de memória e narrativas históricas", com dissertação na área de políticas de preservação do Patrimônio Industrial. Foi Bolsista, entre 2019 e 2020, pelo programa do governo estadual de Santa Catarina de apoio à especialização UNIEDU/FUMDES. Participa do "Grupo de Estudos sobre Patrimônio Cultural", criado em dezembro de 2004, sob a coordenação da Prof. Drª. Janice Gonçalves, que reflete sobre: a relação sociedade atual e sua perspectiva temporal com o tempo; as políticas de preservação; estudos da memória; os fenômenos de musealização e patrimonialização.

Já lecionou na rede Municipal de Joinville nas Séries Finais do Ensino Fundamental entre 2008 e 2010; na rede Estadual de Santa Catarina, no Ensino Médio nos anos de 2010 e 2011; e no SESI Escola, entre 2012 e 2016, lecionando no Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Desde 2011 exerce o cargo de Assistente Cultural - Monitor de Museus na Secretaria de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de Joinville. Realizou formação específica em conservação e restauração de materiais pétreos, rebocos tradicionais e argamassa de cal e entre 2013 e 2016 trabalhou no Centro de Preservação de Bens Culturais (CPBC), Unidade da SECULT, desenvolvendo ações preservacionistas, como vistorias, elaboração de diagnósticos de conservação e intervenções. Entre 2021 e 2022, foi Coordenador do Cemitério do Imigrante de Joinville, desenvolvendo o Programa de Conservação Preventiva de artefatos funerários que compõem os jazigos. Atuou na elaboração de conteúdos históricos que irão compor a nova exposição museológica da Estação da Memória e atualmente trabalha no atendimento de grupos escolares no Museu de Arte de Joinville.

Índice

Prelúdio ---------- 3

Introdução ---------- 5

1) O encontro dos mundos ---------- 8

As vinte luas e a viagem de Içá-mirim ---------- 11

Os povos originários e a terra sem males ----------13

2) Bandeirantes e Açorianos: colonização e ocupação da região – 21

Festa Senhor do Bom Jesus do Paraty ---------- 24

3) Comunidades Afro-brasileiras ---------- 30

Festa do Rosário e a Dança do Catumbi ---------- 30

4) A antiga Colônia de Pescadores e a Pesca Artesanal ---------- 37

História de Pescadores —---------- 43

Considerações Finais ---------- 46

Referências —---------- 47

Prelúdio

Essa pesquisa é fruto do Projeto “Música e Memória: a história de Araquari”, que tem como objetivo compor oito obras musicais envolvendo aspectos culturais de comunidades tradicionais de Araquari. Foi patrocinado através da Fundação Cultural de Araquari pelo Edital de Chamamento Público nº 01/2024 da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB).

Para subsidiar essas composições realizamos um breve histórico das manifestações culturais de diferentes povos presentes em Araquari. Partindo de elementos históricos da cidade, como sua formação, sua ocupação e sua articulação com outros municípios do norte de Santa Catarina, destacamos aspectos culturais dessas comunidades. Jornais, textos acadêmicos, pesquisas historiográficas e registros de viajantes e navegadores que estiveram por aqui entre os séculos XV e XIX, são exemplos de fontes utilizadas na pesquisa.

Para além do patrimônio material (constituído por edificações e centros históricos, sítios arqueológicos e paisagísticos, coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, videográficos, fotográficos, por exemplo), tentamos atingir expressões humanas que remetem aos domínios da vida social e são entendidos como Patrimônio Imaterial. São exemplos dessas manifestações: crenças, celebrações, danças, cânticos, expressões artísticas e musicais, ofícios, saberes e até lugares onde práticas culturais coletivas acontecem.

É a partir dessas práticas que os grupos e comunidades reforçam seus vínculos e suas identidades. Mas, com as aceleradas mudanças tecnológicas e culturais pelas quais o mundo vem passando – mais acentuadamente nos últimos 50 anos com o advento de uma comunidade global, com a pasteurização e uniformização de práticas cotidianas de trabalho, de consumo e de vida – a cultura e práticas sociais de povos tradicionais é cada vez mais ameaçada.

Dependendo da passagem de uma geração para outra para permanecerem vivas, as tradições, as práticas e os costumes de um determinado povo, podem simplesmente desaparecer caso sua organização social, seu modo de vida ou sua

relação com as atividades cotidianas forem afetadas. E, para evitar o rompimento desse ciclo de transferência de tradições dentro dessas comunidades, e impedir a possibilidade de desaparecimento de uma manifestação cultural ou até mesmo de uma comunidade inteira, que instituições como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), fomenta a preservação e salvaguarda do patrimônio histórico e artístico, *bens culturais*[1] de natureza material e imaterial.

Diferentemente do patrimônio material em que a integridade física do bem pode ser protegida legalmente através do *Tombamento*[2]; no âmbito do patrimônio imaterial, o *Registro*[3] é a ferramenta utilizada para identificar e produzir conhecimento sobre esse tipo de bem cultural. Esse processo ocorre com a observação e a documentação de uma determinada manifestação considerando o seu passado e sua prática atual, sempre em diálogo com grupos sociais que a constituem.

Embora a pesquisa em questão apresente um levantamento histórico de algumas manifestações culturais em Araquari, ela não se configura em um trabalho de *Registro* e nem tem essa intenção. O propósito dessa pesquisa é reconhecer historicamente traços da cultura local, com a intenção de divulgar e valorizar expressões de diferentes povos que colaboraram, e ainda colaboram na formação da cidade. Partindo desse levantamento histórico, o projeto propôs uma importante conexão com o campo musical. O conteúdo histórico serviu de inspiração para a composição de oito peças musicais que abordam expressões e diferentes saberes das variadas comunidades tradicionais do município.

---

[1] Entende-se como *bens culturais* tudo aquilo que constitui patrimônio cultural brasileiro, “seja de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico” (BRASIL, 1988).

[2] O *tombamento* é um dos instrumentos de preservação do patrimônio cultural brasileiro e foi instituído pelo *Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937*, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas. A palavra tombo significa “registro”, começou a ser empregada pelo Arquivo Nacional Português conhecido como Torre do Tombo. O bem cultural de natureza material pode ser tombado em quatro tipos de Livro Tombo: Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Histórico ; Belas Artes; Artes Aplicadas.

[3] O *registro* é um instrumento legal de preservação, reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial do Brasil, composto por bens que contribuíram para a formação da sociedade brasileira. Foi instituído pelo Decreto nº 3.551/2000 e abrange quatro Livros de Registros: dos Saberes; das Celebrações; das Formas de Expressão; dos Lugares.

Introdução

A história de Araquari e de toda a região Norte de Santa Catarina estiveram ligadas diretamente com a criação da Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco no século XVII. Esse antigo nome foi dado por navegadores espanhóis que impedidos de chegarem ao Rio da Prata por conta de danificações na embarcação aportaram na ilha em 1553. A expedição de Juan Sanabria permaneceu na ilha até 1555, nesse período construíram uma capela de madeira dedicada ao culto de Nossa Senhora da Graça, e um pequeno povoado que ficou desabitado após a partida dos navegadores (HISTÓRIA HISPÂNICA, 2022).

Imagem: São Francisco do Sul, desenho do engenheiro Theodor Rodowicz, aproximadamente 1850.

Fonte: (REIS, 2004, p. 77).

Somente no século XVII uma nova ocupação de lusos brasileiros vindos da capitania de São Vicente se estabeleceu fundando a Vila que abrangia a Ilha de São Francisco e toda a faixa litorânea que se entendia da Barra do Saí, no estuário do rio Saí-Guaçu (atual divisa entre Paraná e Santa Catarina), até a Enseada das Garoupas (atual município de Porto Belo). Foi ao longo do século XIX e XX que esse território deu origem a novos municípios como Araquari, Itajaí, Joinville, Garuva, Barra Velha, Piçarras, Penha, Barra do Sul, Itapoá e São Francisco do Sul .

Imagem: Fragmento de um esboço da Carta Geral do Império do Brasil. Em detalhe o litoral Norte de Santa Catarina, referente à Vila de Nossa Senhora das Graças do Rio São Francisco, aproximadamente 1830.

Fonte: Biblioteca Digital Luso brasileira

Inicialmente o chamado Arraial do Parati pertencia à Vila de Nossa Senhora das Graças do Rio São Francisco, tornando-se Freguesia (ou distrito) pela Lei Provincial nº 375 de 1854. Nesse ano todo o território compreendido entre os rios Cubatão e Itapocu foi desmembrado da Paróquia de Nossa Senhora da Graça, para formar a Freguesia Senhor Bom Jesus do Paraty[4]. A cidade se emancipou administrativamente de São Francisco somente em 1876, sendo elevada à Vila através da Lei Provincial nº 797 de 1876. Entre 1923 e 1925 o município chegou a ser anexado à Joinville, quanto ao nome Araquari, só foi adotado em 1943. Antigos

[4] A palavra indígena *Paraty* era a junção entre “parati” que significa peixe e “y” que significa água. Após 1943 uma reforma ortográfica retirou da língua portuguesa as letras K, Y e W, alterando a escrita original, entretanto mantemos aqui o termo com Y de acordo com a escrita antiga.
.

distritos como Barra Velha e Barra do Sul se emanciparam em 1961 e 1992, respectivamente.

Repleta de rica biodiversidade, a região banhada pela Baía da Babitonga e seus afluentes serviu de alento para a sobrevivência de comunidades humanas em diferentes períodos históricos. Sua costa litorânea, com vales que cortam a Serra do Mar entre rios de águas cristalinas e leitos de pedras, serpenteiam florestas centenárias formando em sua foz, manguezais, barras e baías nas margens marinhas.

Imagem: Escavação de sambaqui na Enseada, São Francisco do Sul, década de 1960.

Fonte: Museu Universitário UFSC.

Nessa costa nos deparamos com numerosos vestígios arqueológicos dos antigos povos do sambaqui que viveram na região, aproximadamente entre 5 mil e mil anos atrás, e deixaram mais de 50 núcleos de ocupação que testemunham os locais onde se estabeleceram. Remanescentes de antigos sambaquis podem ser encontrados no bairro Corveta e Coqueiros. Como uma espécie de aterro, os sambaquis são formações humanas a partir do acúmulo, ao longo do tempo, de restos de conchas, ossos de animais marinhos e terrestres. Até ossos humanos podem ser encontrados

nos sambaquis, pois eles também serviam como cemitérios, inclusive as diferentes formas como alguns esqueletos foram encontrados demonstram que haviam rituais distintos durante os enterros. Mas não só isso, muitos artefatos como brincos, pulseiras, colares e até zoomórficos já foram encontrados em sambaquis da região. Alguns sambaquis podem chegar a 35 metros de altura, essa dimensão demonstra que poderia haver uma grande densidade populacional naquele local, ou que a sua ocupação ocorreu por um longo espaço de tempo.

Não apenas a arqueologia nos auxilia a desvendar acontecimentos do passado e modos de vida de antigas comunidades humanas da região, como os povos dos sambaquis e os povos indígenas que migraram para o litoral norte de SC durante o século XIV. Assim como os vestígios materiais ou representações artísticas servem de fontes históricas para o trabalho arqueológico possibilitando pesquisas sobre esses povos, registros orais passados entre gerações também são importantes meios de conhecimento histórico. Além de registros orais existem os registros e relatos de viajantes e diários de bordo de navegadores europeus que passaram pelo litoral catarinense, que também nos auxiliam nessa pesquisa. Dos povos originários à saga dos açorianos, dos lusos brasileiros, dos caboclos e afro-brasileiros, tentamos apresentar um conjunto de tradições culturais e modos de viver que marcaram a memória e identidade do povo araquariense.

1) O encontro dos mundos

Quando no final do século XV Cristóvão Colombo aportou em terras desconhecidas, acreditando ter chegado ao Leste Asiático, um encontro entre mundos distintos estava próximo de acontecer. Invasões, saques, lutas, traições, escravidão e dor, marcariam a colonização dessas terras e o nascimento das futuras nações, que ainda hoje enfrentam interferências externas contra suas soberanias e repetidas tentativas de submissão.

Desde o fim das Cruzadas, comerciantes de Veneza e Gênova já haviam restabelecido algumas rotas comerciais com mercadores árabes. A Europa passava por um florescimento comercial impulsionado, em partes, pelos luxuosos produtos vindos da China e da Índia que rapidamente fomentou um mercado consumidor

europeu. Mas, com a tomada de Constantinopla pelos povos otomanos, o comércio pelas rotas do Mar Mediterrâneo ficou prejudicado. Uma forma de contornar a situação era encontrar novas vias de acesso em direção ao Extremo Oriente, em busca dos tecidos de seda, porcelanas, colares de jóias e seus diferentes temperos.

Imagem: Gravura de Peter Apian (1495-1552) matemático e astrônomo alemão mostrando a concepção do mapa mundi, contendo ainda apenas 3 continentes e rodeados pelos 4 elementos: terra, fogo, ar e água.

Fonte: (APIAN, 1524, p. 53)

Com o uso de novas ferramentas de navegação e avanços na cartografia, pelo menos em relação aos conhecimentos que se tinha anteriormente, navegadores patrocinados por comerciantes, nobres e membros da igreja, iniciaram viagens marítimas tentando contornar a costa africana. Os portugueses lançaram-se inicialmente em campanhas militares e comerciais ao longo da costa Norte e Oeste da África. Em 1487 o navegador Bartolomeu Dias cruzou o cabo da Boa Esperança abrindo caminho para o Oceano Índico. Anos depois Vasco da Gama aportou em

Calicute na Índia. E em poucas décadas vários navegadores portugueses fizeram contatos comerciais e estabeleceram feitorias em diferentes territórios asiáticos.

Utilizando outra rota e considerando que a terra era esférica, concepção pouco difundida entre europeus naquela época, Cristóvão Colombo desejava navegar sempre na direção Oeste circundando o planeta até chegar ao Leste asiático. Mapas e estudos sobre a terra naquele momento, como o mapa de Peter Apian, indicavam uma dimensão menor do que realmente era a circunferência terrestre; por isso, após quase dois meses, quando a expedição de Colombo chegou nas ilhas das Bahamas em outubro de 1492, ele acreditou se tratar de terras asiáticas e não um arquipélago em um continente desconhecido dos europeus. Teria sido Américo Vespúcio que anos depois comprovou que se tratava realmente de um continente desconhecido dos europeus. Nessa altura, espanhóis e portugueses já tinham desenhado o acordo conhecido como Tratado de Tordesilhas, dividindo entres eles todas as terras encontradas e por se encontrar a Oeste da Europa.

Imagem: Aldeia Carijó (Guarani), Gravura de Ulrich Schmidel.

Fonte: (ULRICH, 2017, p. 137).

As vinte luas e a viagem de Içá-mirim

A partir daí os contatos entre europeus e nativos ocorreriam por séculos. Como a região da Ilha de São Francisco era um ponto de parada estratégica durante viagens marítimas pelo Atlântico Sul, registros de outros viajantes e naturalistas que descreveram povos e aspectos naturais dessa região eram comuns, como Auguste Saint-Hilaire e o metodista Daniel Kidder e especialmente Alvar Nuñez Cabeza de Vaca que percorreu caminhos em direção ao interior do continente, os chamados peabirus.

Um dos primeiros desses encontros aconteceu na região da Baía da Babitonga e foi registrado pelo capitão da expedição francesa, Binot Paulmier de Gonneville em 1504 (VERLIDEN, 1959). O encontro ficou famoso não apenas pela descrição feita pelo navegador sobre o contato com os indígenas da região, mas por ter levado o jovem Içá-mirim, filho do cacique local, (posteriormente sendo batizado como Essomericq) prometendo devolver o rapaz em um espaço de 20 luas com instruções nas artes das armas de fogo (PERRONE-MOISÉS, 1992, p. 24).

A expedição de Gonneville saiu da Normandia em agosto de 1503 e tinha como destino às Índias Orientais. Ainda na costa africana, o capitão do navio faleceu vítima de escorbuto. Os problemas se agravaram na região do Cabo da Boa Esperança quando foram assolados por fortes tempestades e ventos contrários. A embarcação havia sido desviada da sua rota e em janeiro de 1504 eles avistaram aves e vegetação. A descrição levou os pesquisadores modernos a acreditarem que se tratava da região entre a baía da Babitonga e a ilha de São Francisco. Diferente de outros grupos indígenas brasileiros os carijós eram vistos como mais pacíficos e amistosos:

> Esse gentio é doméstico, pouco belicoso, de boa razão; segundo seu costume, não come carne humana, nem mata homens brancos que com eles vão resgatar, sustentam-se de caça e peixe que matam, e de suas lavouras que fazem, onde plantam mandioca e legumes como os tamoios e tupiniquins. Vivem estes índios em casas bem cobertas e tapadas com cascas de árvores. Essa gente é de bom corpo, cuja linguagem é diferente da de seus vizinhos, fazem suas brigas com contrários em campo

> descoberto, especialmente com os guaianases, com quem têm suas entradas de guerra; e como os desbaratados se acolhem ao mato se têm por seguros, porque nem uns nem outros sabem pelejar por entre ele. Costuma esse gentio no inverno lançar sobre si umas peles de caça que matam, uma pela frente, outra por trás (PERRONE-MOISÉS, 1992, p.52-53)

Gonneville e sua tripulação permaneceram por quase quatro meses na região, convivendo com os indígenas e deixando alguns registros dessa experiência:

> As habitações dos índios formam aldeias de trinta, quarenta, cinquenta ou oitenta cabanas, feitas à maneira de galpões com estacas unidas umas às outras, ligadas por ervas e folhas, com as quais os ditos habitantes são igualmente cobertos; e têm por chaminé um buraco, para fazer sair a fumaça. As portas são bastões corretamente ligados; e eles as fecham com chaves de madeira, quase como as que se usam, nos campos da Normandia, nos estábulos (PERRONE-MOISÉS, 1992, p. 55).

Visto que o capitão oficial do navio havia falecido, Gonneville achou melhor retornar a Normandia em vez de prosseguir o caminho para o Extremo Oriente. Foi nessa viagem de volta que ofereceu ao cacique a oportunidade de levar seu filho Içá-mirim para conhecer o mundo europeu. Outros viajantes já haviam feito algo parecido, Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio e Pinzón levaram com eles indígenas do "Novo Mundo" para Europa, embora tenham sido mais como servos do que como convidados. No caso de Gonneville, pelo que ele relata em seus registros, houve consentimento de Arosca[5], o cacique da aldeia, para que seu filho Içá-mirim (citado como Essomericq no texto de Gonneville), fizesse a viagem até a Europa e aprendesse a arte da artilharia e a produção de outro artefatos e ferramentas como espelhos, facas e machados. Com ele iria outro carijó, Namoa, e o tempo para o retorno seria o espaço entre vinte luas. Os carijós abasteceram o navio com "muitos víveres, numerosas e belas plumagens e outras raridades, como presentes que eles enviavam ao nosso Rei" (PERRONE-MOISÉS, 1992, p. 61).

[5] Os nomes Arosca, Essomericq e Namoa destoam dos nomes dos grupos guaranis, o que indica que certamente ocorreram alterações entre os nomes da maneira como eram pronunciadas e a maneira como foi entendido e escrito por Gonneville.

Durante a viagem de volta houve uma epidemia de escorbuto, causando a morte de muitos tripulantes, incluindo Namoa Como se não bastasse, chegando próximo da costa francesa, no Mar do Norte, o navio sofreu uma ofensiva de piratas que resultou em sua destruição e naufrágio. Goneville, Içá-mirim e o que restou da tripulação foram feitos prisioneiros e posteriormente libertados, mas tanto o diário de bordo de Gonneville quanto os desenhos de Nicol Lefebvre, espécie de naturalista da expedição, foram perdidos. Devido aos prejuízos do naufrágio, Gonneville não conseguiu cumprir sua promessa de retorno a região da Baía da Babitonga. Talvez para compensar essa situação, Gonneville deixou parte de sua fortuna como herança para o jovem, além de casá-lo com uma sobrinha. Içá-mirim, ou Essomericq, viveu até 1583 e foi provavelmente o primeiro indígena a pisar na França e a constituir uma família de ascendência nobre. Seu bisneto, Binot Paulmier de Gonneville (que recebeu o mesmo nome do seu tio avô, o navegador Gonneville), foi abade e cônego de Lisieux, e em 1663 iniciou uma pesquisa para saber mais sobre a viagem de Gonneville e a ida do seu avô indígena para a Europa, reunindo escritos do navegador Gonneville e outras informações que século depois seriam compiladas no livro *Campagne du navire l'espoir de honfleyr 1503-1505. Relation authentique du voyage du capitaine Gonneville*, de 1869 (GUERIN, 1835, p. 409).

Os povos originários e a *terra sem males*

Descendentes dos povos carijós, dos quais Içá-mirim fazia parte, passaram por um grande processo de miscigenação ao longo dos séculos influenciados tanto por europeus, quanto por caboclos e outras etnias indígenas. Esses grupos Guaranis migraram possivelmente da região amazônica para a região da bacia dos rios Paraná e Paraguai, entre 2 mil e mil anos atrás (SANTOS, 2004, p. 41). Posteriormente, entre os anos de 1200 e 1400 alguns grupos, que fazem parte do tronco linguístico tupi-guarani, se espalharam por regiões litorâneas do sudeste ao sul do país.

Conhecidos antigamente como carijós, foram esses grupos que tiveram os primeiros contatos com povos europeus, e deixaram vestígios arqueológicos de ocupações e migrações, além dos relatos de viajantes e missionários europeus (SCHMITZ, 2017, p. 253). Após essas interações, durante os últimos séculos as migrações entre

aldeias guaranis trouxeram para a região do litoral catarinense outro grupo indígena, da etnia Mbyá, que ainda vive na região Norte de Santa Catarina entre Araquari, Guaramirim e Barra do Sul nas Terras Indígenas Piraí, Pindoty e Tarumã.

Distribuídos em diferentes aldeias possuíam vida sedentária com o plantio de hortaliças, além da caça, coleta, produção de cerâmica, cestarias e tecidos de algodão. Em regiões litorâneas a pesca e a coleta de moluscos, berbigões e marisco ampliava as possibilidades de alimentação. Disputas territoriais em momentos de migração geralmente criavam disputas entre grupos e aldeias distintas.

Imagem: Embarcação de portugueses realizando trocas comerciais com os povos indígenas, por volta de 1530.

Fonte: (STANDEN, 2008, p. 77)

Em relação ao convívio com os europeus, como veremos adiante, há uma distinção entre um primeiro momento marcado por uma relação amigável com trocas de objetos e alimentos favorecendo o abastecimento das tripulações, sendo muito comum as alianças sociais. Hans Staden no seu livro lançado em 1558, de grande sucesso na época registrou alguns momentos:

> Era comum os portugueses irem também para as terras de seus inimigos, embora viajassem bem armados, para fazer comércio com eles. Eles dão aos selvagens facas e foices em troca de farinha de mandioca, que os selvagens têm em abundância em algumas regiões. Os portugueses precisam da farinha para alimentar os numerosos escravos que mantêm em suas plantações de cana-de-açúcar. Quando os navios dos portugueses chegam, um ou dois selvagens se aproximam num barco e lhes entregam as mercadorias tão rapidamente quanto possível. Então pedem o que quiserem em troca, e os portugueses dão. Enquanto os dois estão no navio, alguns barcos cheios de selvagens observam à distância. Quando a troca é concluída, muitas vezes os selvagens remam até o navio e se envolvem em escaramuças e atiram flechas contra os portugueses. Depois voltam (STADEN, 2008, p. 76).

A relação entre indígenas e europeus se altera a partir do interesse da coroa portuguesa em uma ocupação mais definitiva das terras brasileiras, com a criação de colônias voltadas para exploração de matérias primas, e as tentativas de escravização e submissão dos povos originários aos trabalhos compulsórios em prol dos portugueses. Embates e fugas para outras áreas do país marcaram os séculos seguintes, e ainda hoje vemos expulsão e assassinato de grupos indígenas que em diversas partes do país. Mesmo dispersos em pequenos grupos e apesar de um histórico de marginalização das políticas públicas por muitos anos, uma população de descendentes de Guarani permanecem habitando áreas do litoral Norte catarinense.

Em Araquari uma das principais comunidades de origem guarani é a Aldeia Tiaraju. Fica às margens da BR-280, próxima a divisa com o município de Guaramirim e possui atualmente 23 famílias, somando aproximadamente 112 indígenas. Eles fazem parte do grupo Mbya com aldeias em regiões do Paraguai, Argentina, Uruguai e no litoral Sul do Brasil.

Segundo o cacique Karaí Tukumbo (Ronaldo Costa), assim que nascem eles recebem um nome em guarani escolhido pelo pajé, e também um nome “português”. Um dos principais eventos na aldeia é o ritual de batismo dos recém nascidos indígenas, que é uma das práticas religiosas mais importantes, pois receber o nome

em guarani remete a uma missão espiritual da qual aquela pessoa irá traçar durante toda sua vida (FREITAS, 2016, p. 35).

Imagem: Aldeias Guarani no litoral do Paraná e Santa Catarina.

Fonte: (Ladeira, 1992, p. 279)

Atualmente são poucas as construções tradicionais feitas de barro e taquara (pau-a-pique), principalmente pela dificuldade em conseguir as madeiras e cipós necessários para esse tipo de construção. Nessa aldeia apenas a casa de reza segue este modelo ancestral. É ali que diariamente no final do dia a comunidade se reúne para cantar, dançar e comer. Na casa de reza também ocorrem comemorações como o batismo dos jovens e outras cerimônias tradicionais como a festa da colheita da erva-mate, que apesar de não ser plantada na região, ainda faz

parte do calendário festivo da aldeia, ainda reúne “índios de outras aldeias e a gente faz o batismo da erva. São dois dias de festa” (MORAES, 2012).

Imagem: reza com o petyngua em frente à liderança Karaí Tukumbo, durante a cerimônia de batismo da erva mate na opy da Aldeia Piraí. Setembro de 2016.

Fonte: (JESUS, 2021, p. 30).

Os preparativos da cerimônia de batismo da erva-mate conta com a produção de feixes com ramos da erva que representam o espírito *nhe’e* de todos os que entram na casa de reza, opy:

> No primeiro dia de cerimônia, através dos cantos sagrados, *japorai*, as falas sagradas dos mais velhos, *ayvu porã*, da dança e do petyngua, os feixes de erva-mate são batizados. No segundo dia, as mulheres levam os feixes próximos do fogo, trituram com pilão e transformam em pó de erva-mate para ser dividido em porongos – estes, representam o espírito, *nhe’e*, de cada mulher. Ao fim da cerimônia, a erva-mate consagrada, *ka’a’i*, é partilhada entre todos, para serem ingeridas na forma de chimarrão, quando se está acometido de doença espiritual e física (JESUS, 2021, p. 29).

A preservação da língua e do cultivo de alimentos, a tradição de nascimento mediada por parteiras na aldeia, e a confecção dos zoomorfos também são aspectos culturais de tradições ancestrais que em muitas aldeias lutam para se manterem vivas.

Imagem: Confecção de esculturas com base em animais da mata atlântica

/

Fonte: (MORAES, 2012).

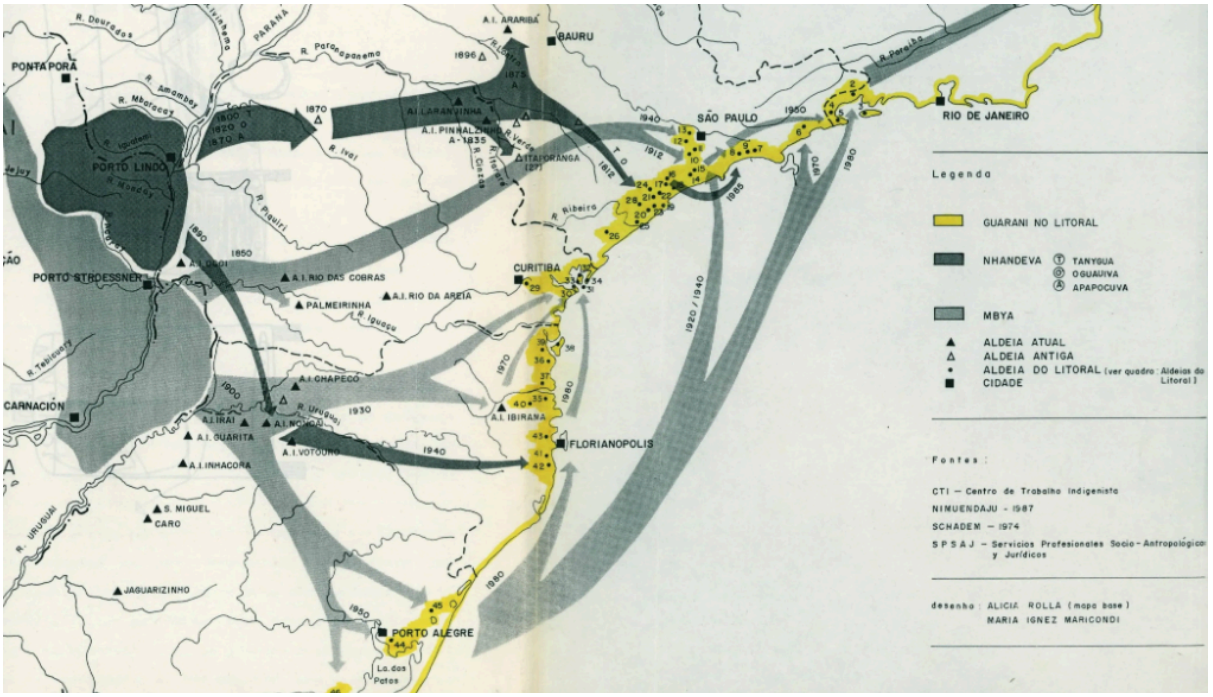
A Escola Estadual Indígena Cacique Wera Pukú que funciona na Aldeia Tiaraju em Araquari mantém vínculo com hábitos tradicionais, e principalmente a língua:

> Marta Brizola, 49 anos, é a mais velha do grupo e também tem o nome de Tará, recebido no batismo guarani. Viúva de pajé, ela é a pessoa que mais sabe sobre ervas e é considerada a parteira da região. Mesmo em outras aldeias, é chamada para trazer mais uma criança ao mundo. A última foi Jenifer, de dez dias, filha de Cecília, professora indígena e neta de Marta. A professora optou pelo parto na aldeia para seguir uma tradição. Ela, assim como outras mulheres, vê no parto em casa, feito pela mais velha do grupo, uma forma de manter viva a cultura indígena (KRAMA, 2012).

Conservar a religião tradicional sempre foi visto pelos grupos guaranis como uma forma de resistir ao “mundo dos brancos”. Sua religião e sobrevivência tem ligação direta pois ali estão os ensinamentos sobre a convivência e a tolerância. A religião assume papel estratégico constituindo um “fator decisivo de diferenciação étnica”, uma vez que em outros aspectos da vida cotidiana o “mundo dos brancos” tem impacto extensivo como na dieta alimentar, nas habitações, e até nas formas de produção e comercialização de produtos artesanais e agrícolas (LADEIRA, 1992, p. 12).

Existe um vínculo entre a ideia religiosa e os fluxos de migração dos povos originários. A partir desse antigo costume, os povos Mbya estabelecem a mobilidade entre aldeias e mantêm um processo contínuo de reorganização social. Na tradição oral desses indígenas a caminhada em direção ao mar remonta aos ancestrais e marca a insistência desses grupos em permanecerem no litoral. É através das caminhadas que os grupos familiares "traçam sua história (...) recriando e recuperando sua tradição num 'novo' lugar", ao mesmo tempo a caminha faz com que sejam "portadores de uma experiência de vida e de sobrevivência comum".(LADEIRA, 1992, p. 28).

Imagem: Mapa histórico das migrações guaranis



Fonte: (LADEIRA, 1992, p. 58).

Essas caminhadas guardam um vínculo com a mitologia em "busca da *terra sem mal*, da terra perfeita, o paraíso onde para se chegar é preciso atravessar a 'grande água'" (LADEIRA, 1992, p. 28). A *terra sem males* é vista como terra ideal, o lugar onde os desejos não satisfeitos neste mundo podem ser realizados. Atualmente a vida que se espera na *terra sem males* parece próxima da vida dos ancestrais, com a manutenção dos costumes e sua original pureza. Seria um mundo ideal como um "retorno às condições de vida anteriores à vinda do homem branco" (SHADEN, 1974, p. 161).

Essa visão se explica em partes por conta da excessiva perda de territórios sofrida pelos povos indígenas que acarreta, segundo eles próprios, também na “morte da alma”:

> A perda dos territórios não se resume à perda física da terra (...) mas também significa a morte da alma (o etnocídio que diversas religiões fizeram, e fazem até hoje, silenciando línguas, silenciando nossas espiritualidades, em diversas partes do país). (...) Essa é outra forma, ruim e triste, de estar e ser no território, porque muitos territórios não têm um tekoá[6] de verdade: rios, água, floresta, alegria de viver mesmo (TAKUA, 2020, p.51).

O equilíbrio cosmológico de mbyá guarani depende dessa harmonia entre natureza e comunidade, e da disposição do território ancestral e cultural. Por isso a destruição do que chamamos de ecossistema interfere tanto no modo de vida dos povos indígenas; e por isso a luta pela demarcação de suas terras e pelo respeito aos modos de vida tradicionais dos povos originários é tão importante.

[6] "Tekoá" (ou tekoa) é uma palavra Guarani que significa "lugar de ser", "espaço de vida" ou "aldeia" e refere-se tanto ao local físico quanto a um conjunto de práticas e valores que garantem um modo de ser e viver em harmonia com a tradição, a natureza e a comunidade.

2) Bandeirantes e Açorianos: colonização e ocupação da região

Durante o século XVII tanto a ilha de São Francisco quanto a região da costa passou a receber grupos de lusos brasileiros, a maioria vindos da Capitania de São Vicente em busca de melhores condições de vida e formas de subsistência. Uma crise na economia açucareira daquela época impulsionou incursões dos colonos portugueses da Capitania de São Vicente, não só em direção ao interior do país em busca de metais preciosos e indígenas para escravizar, mas também para a região Sul.

O cultivo da mandioca para fazer a farinha, a cana para fazer a cachaça e o açúcar, as criações de gado, a pesca e a lavoura de subsistência são características das atividades desses grupos, uma vez que o principal objetivo dessas ocupações em áreas do Sul era a colonização da região. Conhecida como "bandeira colonizadora" ela transportava para outras localidades toda a organização social presente nas fazendas coloniais:

> do senhor ao escravo, do capelão ao soldado, leva para as novas terras todos os bens, armas, bagagens, instrumental agrícola e criação de todo o tamanho. (...) Uma vez instalada, levantava as cabanas, fincava os marcos, limitava os currais e pedia depois a concessão das terras, quando não já amparada pelas concessões de sesmarias (...) (CABRAL, 1937, p. 52).

Para essas ocupações eram concedidas as *sesmarias*, um regime de propriedade de terras usado em Portugal desde o século XIV e que fundamentou a colonização no Brasil. As terras eram doadas para um donatário que teria sobre elas amplos poderes políticos (de comando e de jurisdição), inclusive para poder repartir e distribuir novas sesmarias. Foi o que aconteceu por volta de 1660 durante a ocupação da região da Vila Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco.

Os fundamentos da povoação foram lançados próximo ao rio Paraty por Manoel de Andrade, donatário da sesmaria e responsável por sua divisão entre familiares próximos. Francisco Alves Marinho estabeleceu-se no Paraty, outros parentes receberam a região do Saí, da Ilha do Mel, dos Pinheiros, e do Acaraí (COELHO, 1877, p. 154).

Da região inicial denominada Paranaguá-Mirim às margens do rio Paraty, Manoel de Andrade se dirigiu para a ilha, na região onde se encontravam resquícios do povoado anterior construído pelos espanhóis quase um século antes. Ali, com o tempo prosperou a "indústria de cordoaria, o preparo de peixe seco, a construção de barcos e a cultura de cana de açúcar, do algodão e sobretudo, da mandioca para farinha" (PEREIRA, 1931, p. 27).

Somando-se aos vicentinos, outros colonos se instalaram na costa catarinense, foram os portugueses vindos dos Açores, em grande parte entre 1730 e 1760. Havia uma crise alimentar no arquipélago português, agravado por um aumento populacional que fez com que a Coroa portuguesa incentivasse a vinda de famílias e casais para o Sul da Colônia no Brasil. Mas a ocupação das ilhas e da costa catarinense também era vantajosa para Coroa, pois eram áreas constantemente cobiçadas por espanhóis, tanto por seus portos naturais o que facilitava o abastecimento, quanto para paradas estratégicas pela sua proximidade com as colônias espanholas do Rio da Prata; inclusive, chegaram a acontecer algumas tentativas de invasão da ilha por espanhóis.

Além do transporte e de uma ajuda de custos, os colonos vindos dos açores recebiam também "uma espingarda, duas enxadas, uma enxó, um martelo, um facão, duas facas, duas tesouras, duas verrumas, uma serra, uma lima, e dois alqueires de sementes, duas vacas, uma égua e farinha para um ano" (CABRAL, 1937, p.92) .

Esses açorianos se estabeleceram inicialmente em São Francisco, na Ilha de Santa Catarina e em Laguna. Em alguns desses núcleos, como em Desterro, inicialmente o desenvolvimento foi precário no que diz respeito à produção agrícola. Os preços pagos pelo governo não incentivavam a produção em larga escala, além disso muitos colonos foram recrutados para as atividades militares e na construção de prédios públicos.

Em 1887 havia na Vila do Paraty uma população de 8.131 pessoas e 250 escravizados. O número de escravizados provavelmente era bem maior visto que os dados dessa informação foram baseados apenas no arrolamento de escravos

comercializados na vila, deixando de lado os que poderiam ter sido comercializados em outras localidades. O documento ainda informa que a base da produção local voltada para a comercialização com outras cidades era “a farinha de mandioca e arroz em grande escala, e também a cultura de cana de açúcar, aguardente, polvilho, feijão, milho”; em contrapartida compravam principalmente “carne seca, querosene, café e fumo”. Além da produção agrícola, a madeira era amplamente explorada, havendo serrarias, “olarias, oficinas de sapataria, marcenaria e ferraria”. A pesca é citada como uma atividade abundante e como “a primeira alimentação da classe menos favorecida da fortuna” (BARRETO, 1887, p. 209).

Vinte anos depois desse registro, em 1907 encontramos um relato interessante sobre a expectativa da construção de uma estrada de rodagem ligando a Vila de Paraty até a região da barra do Itapocu e descreve ligeiramente a paisagem:

> Fulge nas velhas lareiras do sertanejo paratyense a chama incandescente de uma fé que lhe revive (...). Tendo larga faixa através desses ínvios sertões (...) a estrada que será construída vem entregar ao Paraty o pomo que lhe pertence. (...) É um patrimônio rico, quase inestimável que volta à antiga Villa do Paraty (A PÁTRIA, 13/08/1907, p. 3).

Esse relato parece indicar que a cidade buscava retomar um período anterior marcado pelo desenvolvimento. De fato, durante o século XIX a extração de madeiras nobres foi uma das principais atividades econômicas que declinou na medida em que a mata ia sendo consumida. É importante lembrar que a navegação por rios e mares eram os principais meios de transporte até então. Rios como o Cachoeira, o Itapocu e o Itajaí-açú serviram de principais vias de acesso às regiões interioranas possibilitando a instalação de colônias no alto do seus vales a partir de meados do século XIX. Por outro lado a construção de estradas de rodagens eram tão importantes pois significava a interação por terra entre localidades. O Ramal São Francisco, que conectaria com a Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande ainda estava sendo construído. Nessa época apenas o trecho de 40 km entre São Francisco e Joinville estava concluído, o restante do percurso de quase 470 Km até Porto União só seria concluído em 1917.

Em 1933, um outro texto apontava que a produção do arroz e da farinha de mandioca eram os principais produtos comercializados na Vila do Paraty. E descreveu algumas peculiaridades do lugar:

> O casario da vila lembra logo a colonização portuguesa, possuindo entretanto, hoje, bonitos prédios modernos. É iluminada a luz elétrica desde 1927, e é servida pela Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande. Liga-se a todo estado por rede telefônica e telegráfica (A UNIÃO, 31/12/1933, p. 23).

As atividades rurais estiveram sempre muito ligadas às práticas comunitárias e reforçando laços de identidades e exercendo importante papel na organização social, como nas festas religiosas. Na cultura açoriana as festas de origem católica acompanham todo o calendário anual. Festas natalinas, Ternos de Reis, as Festas do Bom Jesus, do Divino Espírito Santo, de Nossa Senhora da Graça, a procissão de Corpus Christi, as festas juninas, são exemplos dessas celebrações que há mais de 100 anos unem toda a comunidade.

Festa Senhor do Bom Jesus do Paraty

Antigamente conhecida como “Festa Senhor do Bom Jesus do Paraty”, a celebração é uma homenagem ao padroeiro que acontece anualmente na Matriz de Araquari, e neste ano de 2025 comemorou em agosto, 172 anos. A data da festa ocorre geralmente entre 27 de julho e 6 de agosto, encerrando-se com a grande procissão. Uma matéria jornalística de 1972 informava que a procissão do Senhor Bom Jesus chegou a reunir quase 15 mil pessoas, atraindo devotos de várias cidades da região, crentes nos milagres e nas “incontáveis e surpreendentes curas” que ocorriam com frequência (ROSENSTOCK, 1972, p. 3).

Construída ainda em 1855, a Matriz passou por uma grande alteração em 1887, além de outras ao longo de todos esses anos. Uma notícia no Jornal *O conservador* de 1855 informava que em Janeiro daquele ano houve a medição e demarcação do terreno para a edificação da Igreja Matriz da nova Freguesia do Senhor do Senhor Bom Jesus do Paraty. E deu detalhes sobre uma missa cantada que ocorreu no local:

> Feito um barracão com 60 palmos de comprimento e 30 de largura, coberto com velas de navio, elegantemente forrado o seu interior com belas e finas colchas, ali se elevou um altar com a decência possível, em o qual o Reverendo Vigário Benjamin Carvalho de Oliveira celebrou a Missa cantada, e procedeu ao benzimento do terreno e da pedra fundamental do novo templo. Todos esses atos foram acompanhados pela música de coro da cidade que para isso fora convidada. (...) Esse dia por certo memorável para os povoadores da nova Freguesia do Senhor Bom Jesus do Paraty foi aplaudido com as demonstrações de profundo acatamento à nossa Santa Religião (O CONSERVADOR, 09/02/1855 , p. 1-2)

Padroeiro de outras cidades como Iguape (SP), Congonhas do Campo (MG), Rio Negro (PR), o Senhor Bom Jesus é a representação de Cristo crucificado ou flagelado, "com a coroa de espinhos na cabeça, o farrapo de púrpura nos ombros e o corpo ensanguentado, dilacerado pelos azorragues. É o Cristo do *Ecce Hommo* apresentado por Pilatos ao povo numa cena sempre memorável" (A UNIÃO, 03/08/1933, p. 8).

A data da festa e a missa remetem a *Transfiguração*, momento em que no Monte Tabor Jesus revela aos seus discípulos sua natureza divina, entretanto a imagem que faz parte da cerimônia durante a procissão é a do Cristo perseguido, aquele torturado, prestes a ser crucificado entre dois ladrões. Famosa pela realização dos milagres, a imagem do Senhor Bom Jesus de Araquari tem mais de 200 anos e foi recentemente restaurada por especialistas em Mariana (MG). Existem dúvidas sobre a verdadeira origem da obra, se teria sido produzida em Portugal ou na Alemanha, de qualquer forma trata-se de uma relíquia da arte sacra.

Bandas de música como a Filarmônica de São Francisco, e as Bandas joinvilenses Guarany e a do 13º Batalhão de Caçador são citadas em programações em diferentes anos, demonstrando que uma tradição musical regional também acompanhava as festas religiosas (A UNIÃO, 03/08/1933, p. 8). Diversos jogos, fogos de artifício, bandeirolas coloridas, churrasco, barracas de quermesse e apresentações musicais garantiam a animação (COMÉRCIO DE JOINVILLE, 12/08/1911, p. 2).

Imagem: Fotografia em reportagem de 1972 sobre a Festa do Senhor Bom Jesus de Araquari.

O SENHOR QUE CONSOLA E PERDOA...

Texto de OSWALDO ROSENSTOCK Fotos de JORGE DOS SANTOS

Fonte: (A CIDADE, 08/08/1972, p. 3).

Abaixo, um dos cânticos entoados durante a festa retirados da matério do Jornal *A Cidade* de Blumenau na Festa de 1972:

"Bom Jesus, a vossos pés
Chora agora arrependido
O pecador mais ingrato
Que no mundo foi nascido.

Sois clemente, Sóis tão bom
e de tanta compaixão
Que merecendo eu o inferno
Prometeis pleno perdão,

Pelas vossas cinco Chagas
O cruel tormento em Cruz
pela Sagrada paixão,
Perdoai-me, Bom Jesus.

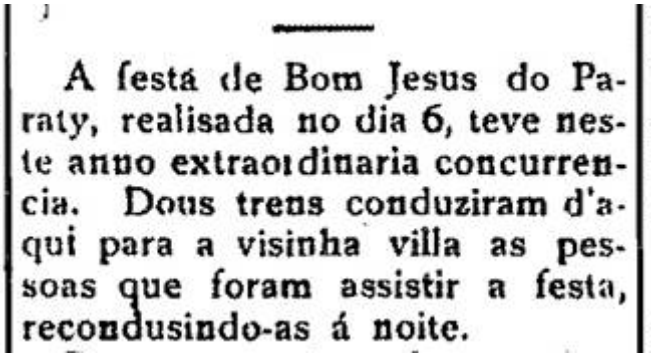
Com minha mãe estarei
na Santa Glória um dia
ao lado de Maria
no céu triunfarei,

com minha mãe no céu estarei
E sempre em minha vida
de mestre tão querida
o ensino escutarei.

eu confio em nosso Senhor
com fé, esperança e amor”

A Festa do Bom Jesus sempre foi um reduto de romeiros, por isso neste período a cidade recebia muita movimentação de pessoas durante os dias de festa, fazendo com que trens especiais estivessem disponíveis à pedido dos organizadores para os viajantes de outras localidades. Recortes em jornais demonstram a demanda pelo transporte do público que se dirigia para a festa, tanto trens quanto embarcações eram responsáveis pelo deslocamento dos romeiros.

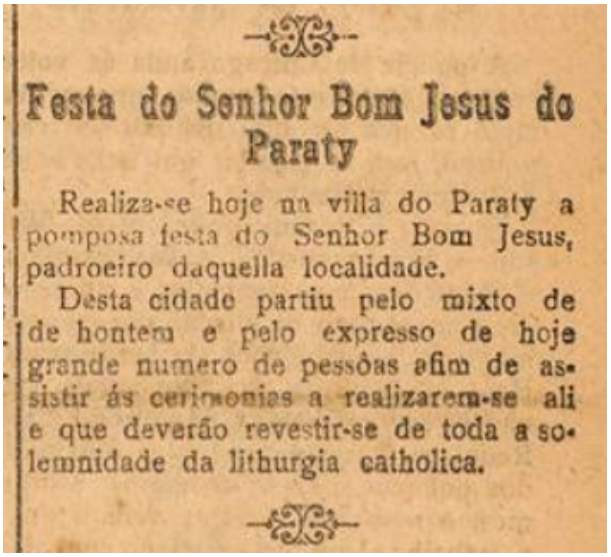
Imagem: Recorte sobre a disponibilidade dos trens para os visitantes da Festa.



A festá de Bom Jesus do Paraty, realisada no dia 6, teve neste anno extraordinaria concurrencia. Dous trens conduziram d'aqui para a visinha villa as pessoas que foram assistir a festa, recondusindo-as á noite.

Fonte: (COMMERCIO DE JOINVILLE, 09/08/1913, p. 2)

Imagem: Recorte sobre a movimentação dos devotos durante os dias de festa.



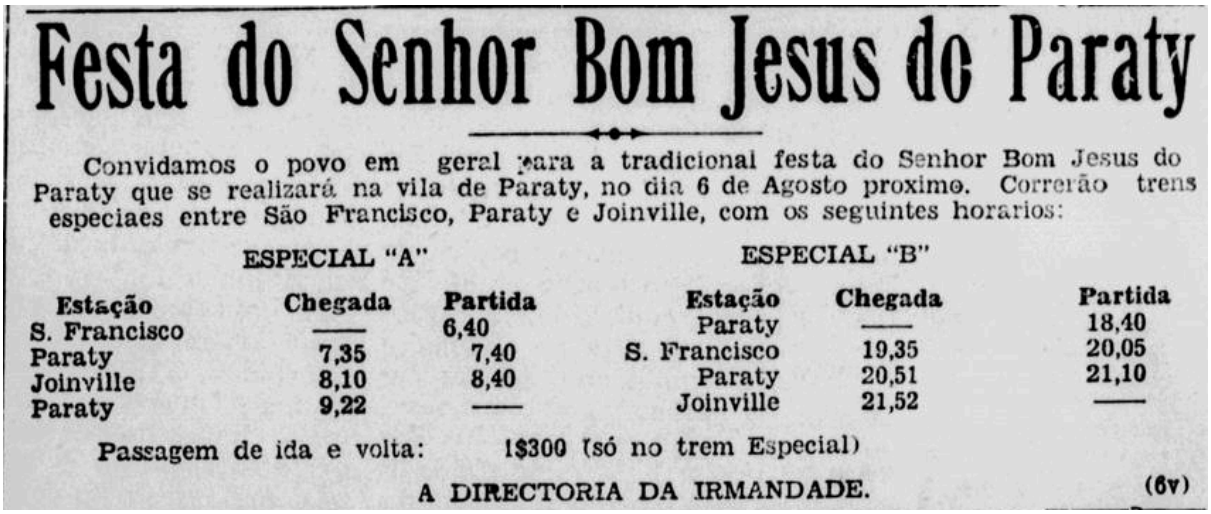
Festa do Senhor Bom Jesus do Paraty

Realiza-se hoje na villa do Paraty a pomposa festa do Senhor Bom Jesus, padroeiro daquella localidade.

Desta cidade partiu pelo mixto de de hontem e pelo expresso de hoje grande numero de pessôas afim de assistir ás ceriemonias a realizarem-se ali e que deverão revestir-se de toda a solemnidade da lithurgia catholica.

Fonte: (A Razão, 06/08/1931, p. 1).

Imagem: Recorte com horário dos trens especiais partindo de São Francisco, Paraty e Joinville.



Festa do Senhor Bom Jesus do Paraty

Convidamos o povo em geral para a tradicional festa do Senhor Bom Jesus do Paraty que se realizará na vila de Paraty, no dia 6 de Agosto proximo. Correrão trens especiaes entre São Francisco, Paraty e Joinville, com os seguintes horarios:

ESPECIAL "A"

Estação	Chegada	Partida
S. Francisco	——	6,40
Paraty	7,35	7,40
Joinville	8,10	8,40
Paraty	9,22	——

ESPECIAL "B"

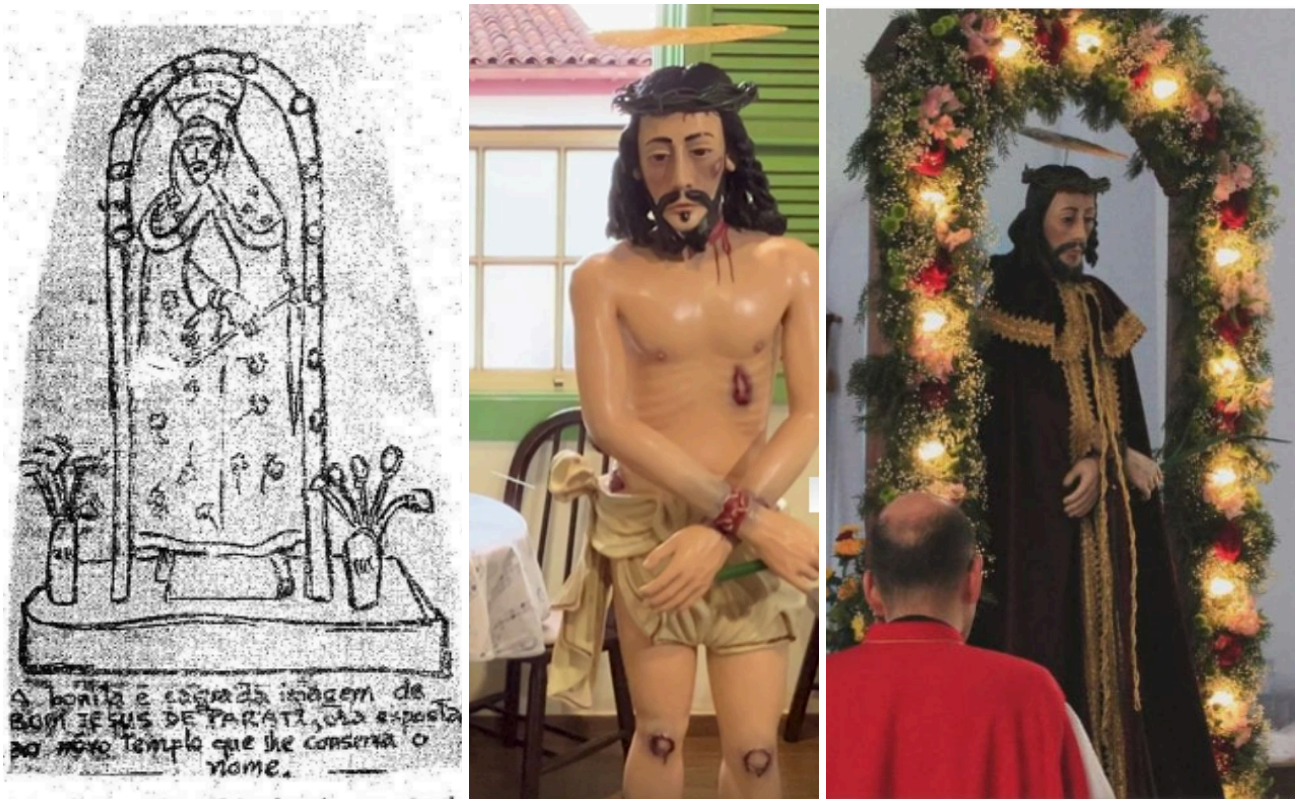
Estação	Chegada	Partida
Paraty	——	18,40
S. Francisco	19,35	20,05
Paraty	20,51	21,10
Joinville	21,52	——

Passagem de ida e volta: 1$300 (só no trem Especial)

A DIRECTORIA DA IRMANDADE. (6v)

Fonte: (A Notícia, 06/08/1937, p. 6)

Imagem: a) desenho de um devoto apresentado em uma matéria no Jornal *A Razão*; b) imagem restaurada recentemente do Senhor Bom Jesus e ao lado o Senhor Bom Jesus com o manto da transmutação usado durante a procissão.



Fonte: (A RAZÃO, 04/08/1968, p. 10); (NSC, 24/03/2025)

Festas populares como boi-de-mamão, pau-de-fitas, brincadeiras de mascarados, entrudos, malhação do Judas, a farra do boi são exemplos de traços da cultura açoriana ainda viva em muitas localidades. Os conhecimentos tradicionais das benzedeiras e parteiras também faziam parte deste cotidiano demonstrando que a combinação entre as culturas açoriana, afro e vicentista podem ser percebidas não apenas no sincretismo religioso, mas em outras práticas ligadas às crendices populares e superstições como lendas, histórias de bruxas e seres fantásticos que estimulavam medos e receios, mas ao mesmo tempo fomentavam a fé e as orações.

3) Comunidades Afro-brasileiras

Outra festa tradicional em Araquari é a Festa do Rosário que ocorre em dezembro e remete às tradições afro-brasileiras. Tanto a região banhada pela baía da Babitonga quanto a costa catarinense ainda abrigam remanescentes de antigos quilombos formados por comunidades afro-brasileiras descendentes dos povos escravizados. Geralmente as comunidades quilombolas mantêm modos de vida tradicionais como cerimônias religiosas, trabalhos rurais e atividades pesqueiras. Em Araquari são reconhecidas as terras dos quilombolas do Itapocu e de Areias Pequenas.

Festa do Rosário e a Dança do Catumbi

A tradição afro-brasileira na região remete às ocupações dos vicentinos no século XVII. A estrutura da "bandeira colonizadora" dependia da mão de obra escrava, e é a partir desse contingente que a cultura africana se tornou presente em várias partes da região Sul do Brasil. Proibidos de praticar suas religiões originais e forçados a aceitarem o cristianismo, os povos africanos escravizados incorporaram em suas crenças elementos do catolicismo imposto pelos colonizadores para manterem sua fé de forma encoberta. Na medida que o tempo foi passando ocorreu o chamado sincretismo religioso, com a associação de divindades africanas (orixás) aos santos católicos. Comum em áreas onde a escravidão foi intensa o culto a Nossa Senhora do Rosário, São Jorge e São Benedito são exemplos de sincretismo religioso.

Padroeira das irmandades dos escravizados, Nossa Senhora do Rosário é associada a Iemanjá, a orixá dos mares e da maternidade, junto com Nossa Senhora da Conceição. Impedidos de frequentar as igrejas dos brancos, essa era uma forma de criar e ocupar um espaço de culto religioso[7]. Pelo calendário católico o dia de Nossa Senhora do Rosário acontece em 7 de outubro, mas na cerimônia afro-brasileira acabou sendo transferida para o dia 26 de dezembro, pois era o único dia no ano em que os escravizados descansavam. "Neste dia eles (...) reverenciavam o nascimento

[7] Enquanto no Candomblé a Nossa Senhora do Rosário é associada a Iemanjá, na tradição da umbanda ela é ligada a Ifá, a orixá do destino. Em diferentes vertentes de religiões afro-brasileiras, Nossa Senhora do Rosário pode remeter a Oxum, orixá das águas doces, do amor, da maternidade e da riqueza.

de Cristo e de Nossa Senhora do Rosário, através de procissões, lendas, promessas e devoções que são transmitidas por cantos, rezas e danças" (FELTHAUS, 2000, p. 129).

Entre as festas de Nossa Senhora do Rosário aparecem também as danças do catumbi. Em 1920 o ex-escravo Antonio Bangala criou o Grupo Folclórico Catumbi no Distrito de Itapocu em Araquari procurando manter a antiga tradição dessa dança, chamada também de cacumbi e ticumbi (BOLETIM CATARINENSE, 1995, p. 52). A cerimônia de coroação do Rei e Rainha é uma das principais atrações junto com dança do catumbi que faz parte das festividades e é reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina, unindo música e religiosidade.

Imagem: Grupo Folclórico do Catumbi durante cerimônias na festa de Nossa senhora do Rosário em Araquari, em um registro da década de 1980.

,

Fonte: (FELTHAUS, 2000, p.126).

Durante as décadas de 1980 e 90 pesquisadores do folclore catarinense realizaram diversas matérias sobre a cultura popular, e entre essas abordagens traçaram algumas características do catumbi catarinense. O grupo identificou semelhanças e variações em comparação com a manifestação conhecida como Baile dos Congos, que na região sudeste e nordeste ocorrem durante as Congadas e representam uma dança guerreira entre duas nações negras, a de reis do congo e de reis bamba, do reisado africano (BOLETIM CATARINENSE, 1985, p. 155).

Imagem: Dança das espadas, dançantes na casa do império, 2019.

Fonte: (SILVA, 2020, p. 57).

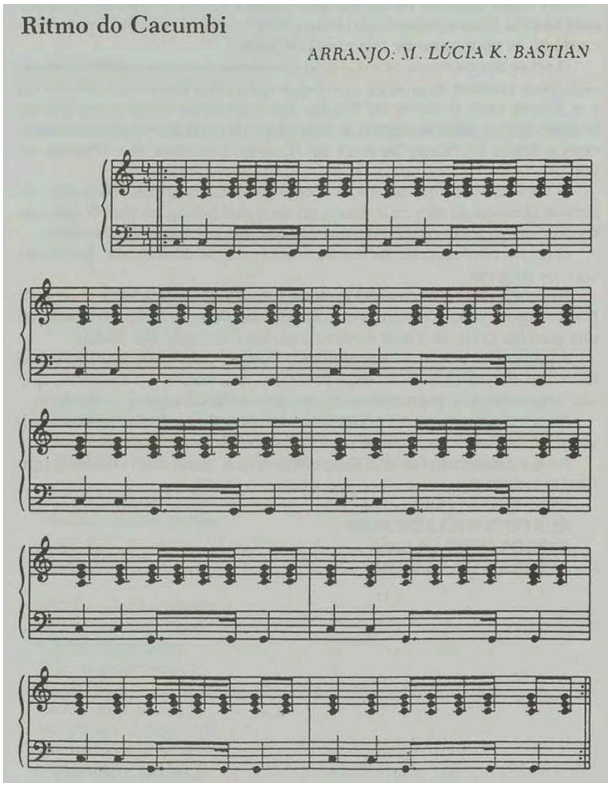
A dança é formada por duas alas de “marinheiros” vestidos de sapatos brancos e calças brancas, camisas azuis, uns usam bonés e outros chapéus enfeitados, e no centro fica o capitão entoando os cânticos que são respondidos pelos outros. Conduzido por sons de tambores e pandeiros, o cortejo real é acompanhado por uma porta-bandeira reverenciando Nossa Senhora do Rosário e se dirige até a igreja da padroeira fazendo giros e sapateados. Após a luta entre o capitão e os

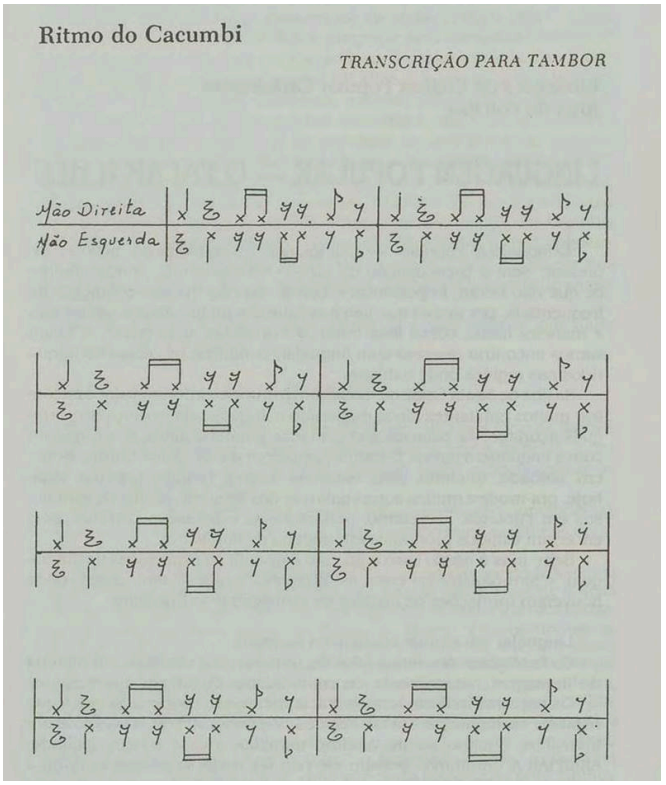
marinheiros ocorre a coroação do rei e da rainha, e finaliza a celebração com um grande banquete.

Essas manifestações ligadas a identidade afro fez com que a região do Itapocu mantivesse viva memórias das comunidades negras de seus antepassados que viveram na região como a Festa de Nossa Senhora do Rosário, a dança do cacumbi e sua musicalidade.

Encontramos na publicação sobre estudos folclóricos de Santa Catarina algumas letras e partituras sobre o ritmo do cacumbi e que vão servir de inspiração para a criação de outras canções.

Imagem: Partituras com transições melódicas e percussivas para se tocar o cacumbi.

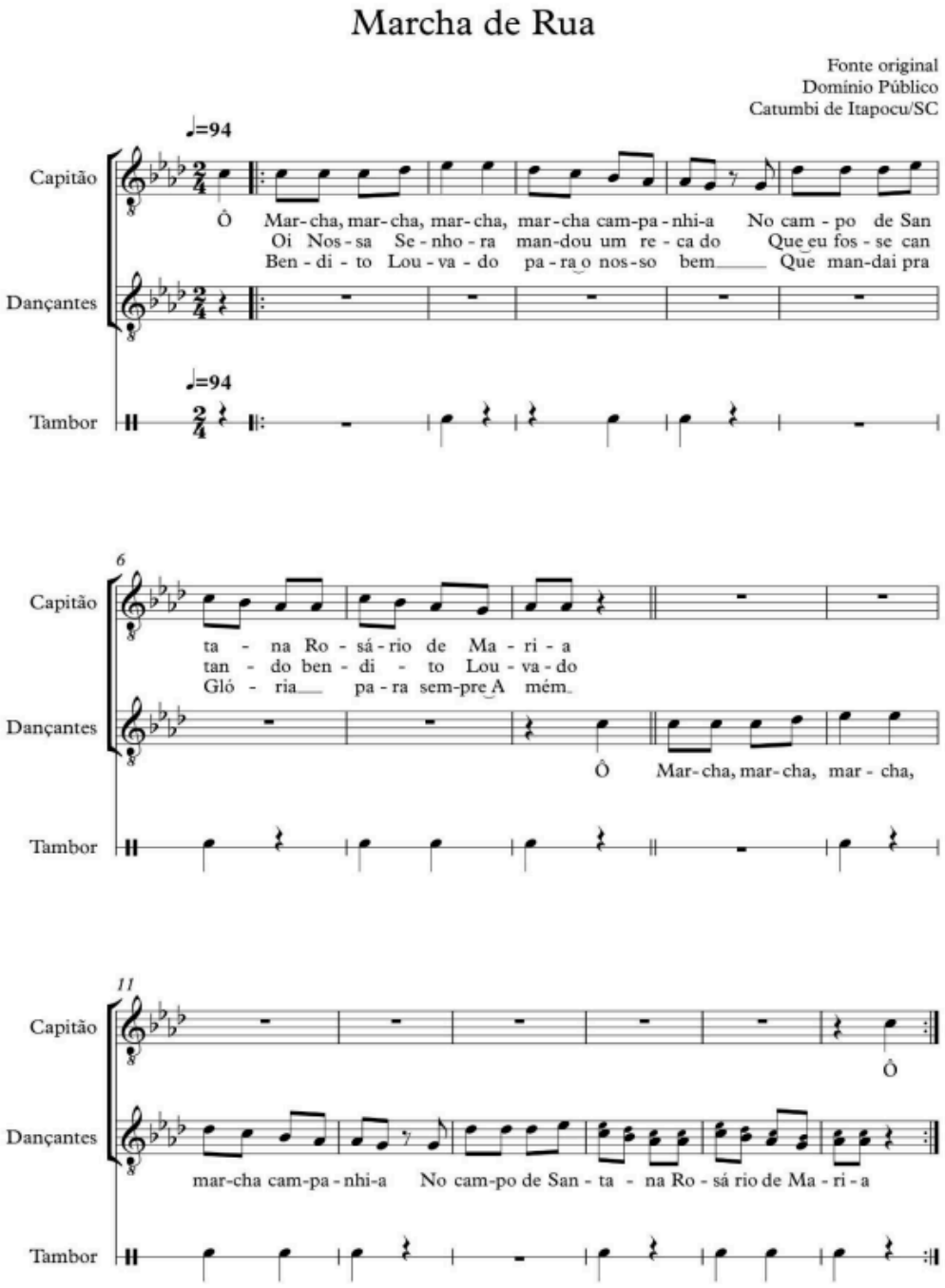




Fonte: (BOLETIM CATARINENSE, 1993, p.16-17).

A pesquisadora e musicista Ana Paula da Silva fez um estudo musical muito interessante sobre o Grupo de Catumbi de Itapocu, e também expôs algumas letras e partituras de canções próprias do grupo e que podem servir de inspiração para novas composições.

Imagem: Partitura da música Marcha de Rua do Grupo Catumbi de Itapocu.



Fonte: (SILVA, 2020, p. 82)

Imagem: As letras apresentadas nas imagens abaixo fazem parte de uma pesquisa com grupos de catumbi na região de Florianópolis:

1) Cantoria chamada “marcha”, parte inicial do cortejo

A Nossa Senhora
Saiu hoje na rua
Mandando seus filhos
Fazê meia lua

Nós chegamos hoje
Salvar nossa praça
Oh! S. Benedito sejais
Nossa Senhora da Graça

Ó Capitão mandante
O Chefe General
O nosso batalhão
Que mandou marchar

O bispo de Lena
Rainha dos Anjos
Como é que se chama
São Miguel de Arcanjo

O dono da casa
Mandou me chamá
Com sua licença
Queremos chegá

A calçada é alta
Não posso “assubi”
Tem pedra miúda
Pudemos cair

Vamos marchando
Ao romper do dia
E dá obediência
A vossa Senhoria

Ó matumba, o querenga, erunganda
“Orunganda, o matumba, o querenga
Ó querenga, ó matumba, erunganda
Olha lá

2) “Marcha fogo” são aclamadas em outro momento do cortejo

Quero ê quero á
Quero ê quero á
Senhor dono da casa
Qui tem pra mi dá

Óia o peixe no rio
O camarão no mar
Senhor dono de casa
Qui tem pra mi dá

Santo Antônio
“Arripica” o sino
Leva a Bandeira
Lá no caminho

O negrinho do ganho
Que quer ganhar
Um tostão por dia
Pra gastar

“Avuou uma ave – cap.
Daquela janela – coro
É um papagaio Sá. dona...
Da pena amarela – coro

Ou da pena amarela
De bico encarnado
Era um papagaio Sá. dona.
De pena dourada

3) versos repetidos pelo grupo que forma o coro

Olha aqui a Maria
De congo eruá
A canoa virou
Lá no meio do mar

Virou, virou, deixa virar
De boca pra baixo
De fundo pro mar.

Aqui nesta casa
Haverá muito trigo
Amanhã hei de pagar
Quem nós dá abrigo.

Óia aqui a Maria
Você é minha tia
A canoa virou
Lá no meio do rio

Tia Maria
Cadê tio João
A canoa virou
Lá no meio do fundão

4) cantos do capitão.

Já que tu não soubeste
Pra que não me dão
A metade do queijo
Fatia de pão

Cap. Vai timbora sordado
Não me venha atentar
Com essa espada
Não se pode brincá
O que pode essa espada
Disfarce de corte
Eu ti tiro o pescoço
No primeiro corte

Cap. Não tenho dinheiro
Não tenho mais nada
Tenho é a ponta
Da minha espada

Vai timbora sordado
Não me venha atentar
Com essa espada
Eu te posso furar
Vórti aqui meu sordado
Não me venha atentar
Com essa espada
Não se pode brincar

Sinhô dono de casa
Me dê um tostão
Pra fazê pagamento
A este meu batalhão
Bis:Ó Sinhô, Sinhô, Sinhô Capitão
Quedê o dinheiro da nossa ração

Fonte: (BOLETIM CATARINENSE, 2000, p.22).

Unindo mente, corpo e imaginação, a dança e a música remetem às vivências cotidianas e revelam experiências centenárias reproduzidas em forma de rituais e cerimônias. Cantos e ritmos de outrora se reescrevem em novos versos, com compassos misturados entre tradição e transformação, como arranjos unindo passado e presente no coração da cidade do futuro.

4) A antiga Colônia de Pescadores e a Pesca Artesanal

> “Nas horas de tempestade, sob o rugido do mar enfurecido ou sob o estrondar do trovão valente, o grito da gaivota se faz ouvir ao pescador, como um anúncio de boas horas; ‘depois da tempestade a pescaria é boa’” (SALLES, 1951, p. 107).

Entre os modos de vida tradicionais ainda presentes em Araquari destacamos as práticas da pesca artesanal que esteve presente na região desde as primeiras ocupações. A antiga vila de pescadores e agricultores da antiga Paraty, tinha como foco inicial de povoamento às margens dos rios Paraty e Cubatão, na baía da Babitonga. Foi nessa região que se construíram as primeiras casas da vila, e onde ainda hoje é possível encontrar ruínas de casarios antigos perto do local que funcionava como o porto da localidade.

Imagem: POSTAL “Araquari, Santa Catarina - Colônia de Pesca”, Coleção Arthur Wischral, década de 1920-30.

Fonte: Centro de Documentação da Casa da Memória, Arquivo Paranaense

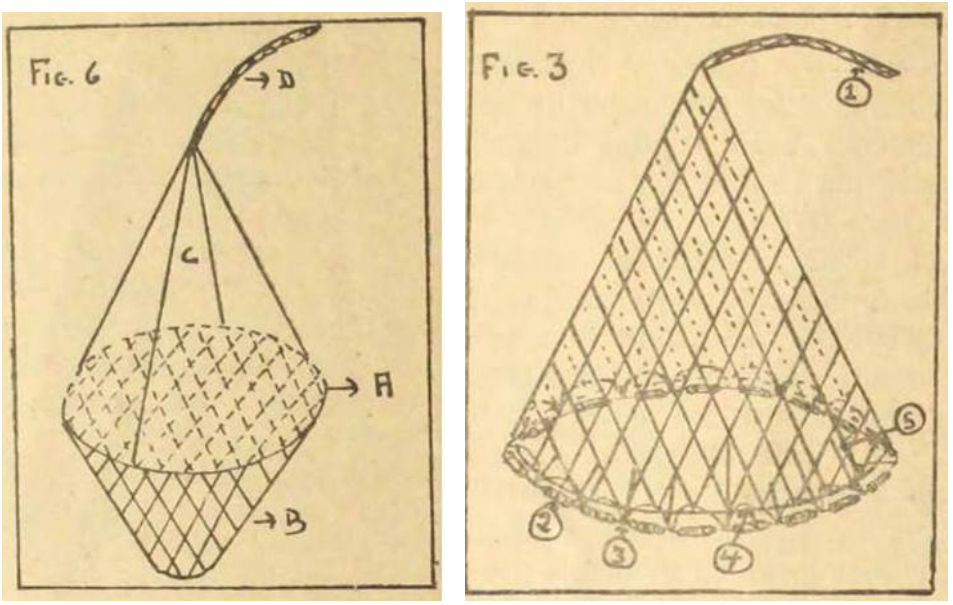
Entre as regiões de Areias Pequenas e a foz do rio Parati ainda existem remanescentes da antiga Colônia de pescadores. Fotografias da década de 1930 revelam como eram os arraiais de pescadores na cidade, com suas habitações tradicionais construídas de “pau a pique” e telhados feitos de palha. Geralmente possuíam pequenas criações de galinhas e porcos.

Imagens: POSTAL “Araquari, Casa de pescadores”, Coleção Arthur Wischral, década de 1920-30.

Fonte: Centro de Documentação da Casa da Memória, Arquivo Paranaense

Apesar da urbanização que vem passando a cidade de Araquari, a tradição da pesca artesanal ainda é mantida em algumas comunidades. Outra tradição passada de geração em geração é a prática de tramar e confeccionar as redes de arrasto e tarrafas. Além disso, a produção de cestarias para uso doméstico ou como utensílios para pesca também era comum. O *colve* é um exemplo de instrumento de pesca, em forma de balaio feito de palha ou lascas de bambu que possui uma só abertura por onde o peixe consegue entrar mas não consegue sair; o *puçá* é usado para a pesca do siri, é feito com arame ou cipó grosso que forma a borda circular, e revestido por malhas de rede, unidos por uma fieira.

Imagem: Figuras esquemáticas do puçá e da tarrafa.



Fonte: (CAMINHA, 1959, p. 16, 20)

Imagem: Diferença entre o puçá (na mão da criança) e o Jereré para pescar siri.

Fonte: (CAMINHA, 1959, p. 26)

Sobre a relação dos povos do litoral com a pesca o historiador Oswaldo Cabral destacou essa ocupação como uma da principais atividades, seja para sobrevivência, seja para o comércio:

> À beira-mar o homem é pescador e faz da pesca a sua maior ocupação. Raros têm ao lado da casa uma pequena plantação, sendo frequente, ao fundo do terreiro, a capoeira das galinhas. A pesca dá para o sustento e para o mercado. Pequenas são as suas economias. Veste pobremente e o calçado usa nos dias festivos. A sua casa é pobre, mas quase sempre limpa. Não conhece, todavia, os confortos da hygiene. Ao fundo, a touceira de bananeiras ou o cerrado cafezal lhe serve para lugar de despejo. À frente da casa, na praia, sobre estacas, estende as suas redes de pesca e puxa as canções em que se aventura pelo mar bravio. Em certas águas e em certas épocas a pesca é verdadeiramente milagrosa. Os lances de cinquenta a cento e cinquenta mil peixes são frequentes. Prepara então o peixe seco para exportar (CABRAL, 1937, p.)

Imagem: POSTAL “Barcos a vela em Araquari (Santa Catarina)”, Coleção Arthur Wischral, década de 1920-30.

Fonte: Centro de Documentação da Casa da Memória, Arquivo Paranaense

Barcos a vela de baixo calado, como os da imagem acima, eram comuns para navegação do braço de mar entre o continente e a ilha de São Francisco do Sul, mas haviam outras embarcações de maiores proporções tanto a vela quanto com motores a vapor, antigamente chamados de “vaporzinhos”, e que trafegavam em mar aberto nas viagens de cabotagem.

Já a imagem abaixo mostra outro tipo de embarcação, as canoas simplórias, construídas a partir de um único tronco de árvore. Pela tradição indígena a madeira do guapuruvu, facilmente encontrada na Mata Atlântica, era ideal. Elas eram mais usadas em pescas onde o mar era mais calmo como enseadas e baías, ou na foz de rios, como é o caso daquela fotografia. No bairro da Barra do Itapocu, por exemplo, a atividade ainda é central para alguns moradores que ainda utilizam a tarrafa em suas pescarias.

Imagem: POSTAL “Santa Catarina - Tarrafeando no Rio Itapocu”, Coleção Arthur Wischral, década de 1920-30.

Fonte: Centro de Documentação da Casa da Memória, Arquivo Paranaense

No século XIX a importância da canoa e dos conhecimentos ligados ao mar para os habitantes da região banhados pela baía da Babitonga era exposto pelo viajante Saint-Hilaire como uma questão de sobrevivência durante sua visita aos vilarejos de São Francisco e Paraty. Segundo o viajante:

> É raríssimo os que não possuam canoas e não saibam guiá-las com perícia. As próprias mulheres, sem o menor temor, viajam nessas frágeis embarcações, mesmo em dias tempestuosos. O mar é o elemento dos habitantes deste lugar; não há quem não saiba de que lado sopra o vento e quais as horas de maré (SAINT-HILAIRE, 1936, p. 96)

Em uma passagem do jornalista joinvilense Crispim Mira publicado na revista carioca *Vida Brasileira* em 1948, ele descreve uma situação vivida por pescador do arraial do itapocu:

> Há pescas, como das anchovas e do cação que se fazem à linha, em alto mar. Para o cação usa-se o anzol de dez a quinze milímetros de comprimento e bastante grosso. A linha é de fio de cobre cru de arame torcido. Porque o cação, mais do que qualquer outro peixe, é de uma força de espantar, mesmo quando não chega a um metro e meio de tamanho, que é sua dimensão comum na costa catarinense. A isca para pescá-lo é qualquer peixe pequeno, mas de preferência a tainha que muito lhe agrada. (...). (MIRA, 1948, p. 58)

Na sequência do texto, Crispim narra o ataque de cação que um pescador sofreu enquanto manuseava um pedaço de tainha para preparar a isca com o antebraço à borda da canoa. E a seguinte reação:

> mas compelido pelo instinto de conservação empurrou a faca violentamente na barriga do agressor. E num grande esforço emergiu arrastando o monstro que se lhe agarra no antebraço. Até alguns anos atrás esse pescador residia no arraial do Itapocu e narrava com infinita simplicidade sua medonha luta, mostrando, para comprová-la, o antebraço esquerdo descarnado. (MIRA, 1948, p. 58)

Outra localidade em Araquari com a presença de pescadores artesanais é em Areias Pequenas. A família de Rosalvo Fernandes, conhecido como Seu Teté, um antigo pescador, viveu na região há várias gerações, para homenageá-lo foi criada uma escola municipal com seu nome na década de 1990 (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2019, p.37).

A vida dos pescadores continua desafiadora e remete a uma luta constante contras as adversidades do mar, mas as regiões de enseada e foz de rios presentes na costa marítima de Araquari favoreceu a instalação de diferentes arraiais, pois serviam de abrigo às menores embarcações contra o mar aberto. Um exemplo desses arraiais é relatado no livro *Tipos e Aspectos do Brasil* de 1956:

> Sucedem-se, assim, ao longo da extensa faixa costeira, os pequenos arraiais de pescadores com sua fisionomia típica de redes estendidas secando ao sol, canoas descansando sobre os rolos, prontas para se fazerem ao mar e varais cobertos de peixes salgados postos a secar (IBGE, 1956).

Histórias de Pescadores

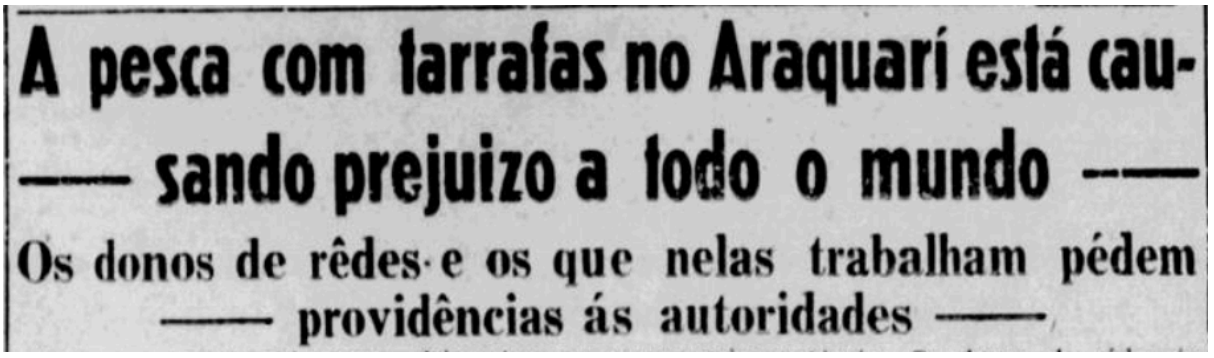
Impossível falar sobre pescadores sem lembrar de uma famosa “história de pescador”. Pois o jornal *Correio do Povo*, em 1992, trouxe uma antiga história que precisou de foto para afirmar sua veracidade. Durante uma pescaria na barra do rio Itapocu em 1962, o morador de Jaraguá do Sul Edmundo Splitter, pescou uma carpa, um robalo e uma traíra que juntos somavam mais de 20 Kg de acordo com o pescador. A mesma matéria falou sobre o cascudo, “o peixe mais conhecido da região de excelente paladar” e citou diferentes receitas para degustar a iguaria: “ensopado, assado na couraça, à milanesa” (CORREIO DO POVO, 1992, p. 2). Relatos como esse demonstram uma ligação que atravessa séculos entre os modo de vida das comunidades tradicionais e sua relação com o meio ambiente influenciando a forma como a sobrevivência, os hábitos culturais e atividades econômicas se conectam, se moldam e convivem diante de diferentes períodos históricos.

Imagem: Resumo de uma pescaria na Barra do Itapocu em 1962. Ao fundo é possível ver as redes de pescas estendidas na beirada do barracão.

Fonte: (CORREIO DO POVO, 30/05/1992, p. 2)

Outra reportagem de de 1942, do Jornal *A notícia* alertava sobre os problemas da liberação da pesca com tarrafas durante o dia na foz do rio Araquari, uma vez que ela era liberada apenas a partir do período noturno, segundo o jornal.

Imagem: Manchete sobre a disputa entre pescadores.



A pesca com tarrafas no Araquarí está causando prejuizo a todo o mundo

Os donos de rêdes e os que nelas trabalham pédem providências ás autoridades

Fonte: (A NOTÍCIA, 06/06/1942, p. 8)

Parece ter havido um desentendimento entre tarrafeiros e os pescadores que usavam redes, pois o uso das tarrafas acabava dispersando os cardumes, e consequentemente prejudicava os pescadores com redes. A notícia também

destacou o papel da pesca na cidade, “como se sabe, o Araquari é um núcleo de pescados mais rendosos que contribuiu sempre para abastecer os mercados consumidores de Joinville e São Francisco”.

Entre os trabalhos cotidianos da vida dos pescadores, os cantos também se fazem presente como um alento após as horas árduas de labuta, ou até durante suas travessias. Reunimos aqui alguns registros de cantos populares da região, como os da “Tia Chica”, uma antiga moradora de São Francisco do Sul, a qual alguns folcloristas catarinenses tiveram a oportunidade de conhecer. O registro que temos é de um encontro ocorrido em 1924, quando ela já estava com aproximadamente 70 anos. Sua descrição era de uma mulher “morena bronzeada, magra (...) olhos grandes e castanhos (...). Os braços, os pés e o rosto cobertos de pó e curtidos pelo sopro salino do oceano. O coração era bondoso e o ânimo forte”. Tia Chica era provavelmente uma descendente de caboclos ou de antigos escravos da região central da ilha, talvez da localidade de Tapera, dominava as técnicas de benzimento e do parto e cantarolava versos populares, alguns de sua própria autoria. Abaixo alguns versos de sua autoria que remetem à relação entre a rotina dos pescadores e o mar registrados por Mario Birnfeld (1950, p. 37):

O vento só favorece
a quem sabe marinhar
o cheiro do mar agrada
a quem nasceu para o mar
(...)
As almas dos pescadores
engolidos pelo mar
gemem no casco dos barcos,
que vão ao largo pescar.
(...)
Atirei minha tarrafa,
E do mar não trouxe peixe.
Coração bem conformado
que outro que não te deixe.

Considerações finais

Tentamos percorrer com essa pesquisa um caminho simplório entre diferentes marés, com a intenção de apresentar a profundidade histórica da formação do município de Araquari, das comunidades tradicionais que a compõem, e das diferentes possibilidades de conseguirmos informações sobre elas. Desbravar testemunhos antigos é como avançar sob o nevoeiro marinho, mantendo a atenção em cada remada, com o cuidado de seguir a direção mais segura. Para além de uma História de Araquari, a intenção aqui se desenhou na busca por informações dispersas em jornais, revistas e entrevistas encontradas em outros trabalhos acadêmicos de campo. Os casos abordados foram pontuais, remetendo à experiências específicas de alguma celebração, festa ou hábito de determinada comunidade.

Dentro do possível tentamos explorar características musicais ligadas às manifestações como os cânticos durante a festa do Senhor Bom Jesus e na Festa do Rosário, ou as partituras apresentando ritmos do cacumbi. Acionar essa dimensão musical teve como interesse possibilitar referências ou até mesmo releituras de melodias e harmonias servindo de apoio para as composições realizadas pelos músicos do projeto.

Também demos destaque à questão da visualidade, como a descoberta de fotografias raras das colônias de pescadores em Araquari que favoreceu a consistência do trabalho, visto que a análise de imagens é capaz de fornecer muitos indícios históricos. Vestimentas, acessórios, técnicas construtivas, vegetação e paisagem são só alguns exemplos de propriedades que podem ser alcançadas e melhor investigadas a partir da investigação fotográfica. Imagens de jornais e revistas também colaboraram na tentativa dessa imersão.

Mas a parte fundamental do trabalho é poder contribuir com um pedaço da história da cidade de Araquari, redescobrir suas margens, seu povo e seu território. Reencontrar antigos cronistas, antigos navegadores que passaram e descreveram essas terras. Esse movimento ao passado é mais do que uma inspiração saudosista, é na verdade um comprometimento com o futuro e com as novas

gerações, que poderão olhar para trás e dizer “aqui estão nossas raízes”. E a partir dessa consciência poder construir um futuro sustentável, com respeito à diversidade cultural e consideração pelo imenso patrimônio cultural do qual, também, fazem parte.

Referências

A FESTA de Bom Jesus. **Commercio de Joinville**, 9 de agosto de 1913, p. 2. https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/886173/1559

A PESCA com tarrafas. **A Notícia**, Joinville, 6 de junho de 1942.

APIAN, Peter. **Cosmographicus liber Petri Apiani mathematici studiose collectus**, 1524.

ARQUIVO PARANAENSE. **Centro de Documentação da Casa da Memória**.

ATOS e fatos. **A Razão**, Blumenau, 4 de agosto de 1968, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/883662/40481

BARRETO, Joaquim. Província de Santa Catarina, Comarca de N. S. Da Graça, Município da Villa de Paraty 1877 in: **Anais da Biblioteca Nacional**. Vol. 66, 1944.

BIRNFELD, Mario. Tia Chica. **Boletim Catarinense de Folclore**, n. 6, 1950.

BOLETIM Catarinense de Folclore. Florianópolis, 1993, n. 45-46, p.16. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/884677/3573

CABRAL, Oswaldo. **Santa Catarina, história e evolução**. São Paulo. 1937.

CAMINHA, Carlos. A pesca na Freguesia da Lagoa. **Boletim Catarinense de Folclore**, n. 25-26, 1959.

COELHO, Manoel Joaquim. **Memoria Histórica da Provincia De Santa Catharina**. 1877.

DANÇA do Cacumbi. **Boletim Catarinense de Cultura**. Florianópolis, 1985, n. 37-38, p. 155. Disponível em: https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/884677/3023

FELTHAUS, Rosane. Natal dos negros, mistura de religiosidade. **Boletim Catarinense de Cultura**. Florianópolis, 2000. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/884677/4738

FESTA do Paraty. **Comércio de Joinville**, 12/08/1911, p. 2.

FESTA do Senhor Bom Jesus do Paraty. A Notícia, Joinville, 6 de agosto de 1937, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/843709/13980

FESTA do Senhor Bom Jesus do Paraty. **A Razão**, São Francisco do Sul, 6 de agosto de 1921, p. 1 http://memoria.bn.gov.br/docreader/883247/380

FESTA do Senhor Bom Jesus de Paraty. **A União**, Joinville, 3/08/1933, p.8. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/884308/8

FREITAS, Ana. A identidade cultural indígena: um olhar sobre a realidade da Aldeia Tiaraju – Araquari/sc. **Revista Maiêutica**, Indaial, v. 4, n. 1, p. 33-44, 2016.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **PROCESSO 01420.011208/2013-07: comunidade quilombola Areias Pequenas.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2019. Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-brasileiro.

GRUPO Folclórico do distrito do Itapocu. **Boletim Catarinense de Cultura**. Florianópolis, 1995, n. 47, p. 52.

GUÉRIN, Léon. **Histoire maritime de France, comprenant l'histoire des provinces et villes maritimes.** Disponível em: https://archive.org/details/histoiremaritime01guuoft/page/408/mode/2up?q=essomericq

IBGE. **Tipos e aspectos do Brasil**, Rio de Janeiro, 1956.

IMAGEM restaurada do Senhor Bom Jesus retorna a Araquari com recepção dos fiéis. **NSC**, 24 de março de 2025. Disponível em: https://www.nsctotal.com.br/noticias/imagem-restaurada-do-senhor-bom-jesus-retorna-a-araquari-com-recepcao-dos-fieis

JESUS, Barbara. **O rio inabalável: Conhecimento e território, caminhos mbyá guarani desde Yvy Mbyte a Piraí**. Dissertação Programa de Pós-graduação em Antropologia Social UFSC, 2021.

JUAN Sanabria. **História Hispánica.** 2022. Disponível em: https://historia-hispanica.rah.es/biografias/48391-juan-de-sanabria

KRAMA, Gisele. Índios tentam preservar tradições na Aldeia Guarani Tiaraju no Norte de SC. **A Notícia** . Joinville. 19 abr. 2012. Disponível em: http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2012/04/indiostentampreservartradicoesnaaldeiaguaranitiarajunonortedesc3732035

LADEIRA, Maria Inês. **O caminhar sob a luz: o território Mbya à beira do oceano.** São Paulo: Dissertação de mestrado em Antropologia-PUC/SP. 1992

MIRA, Crispim. Um episódio no mar de Santa Catarina. **Vida Brasileira**, Rio de Janeiro. Junho de 1948.Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/901725/136

MORAES, Luciano. Aldeia de Araquari não comemora o Dia do Índio, se mantém com artesanato e aposta na educação. **Notícias do Dia Online**. Joinville. 19 abr. 2012. Disponível em: https://ndmais.com.br/noticias/aldeia-de-araquari-nao-comemora-o-dia-do-indio-se-mantem-com-artesanato-e-aposta-na-educacao/#google_vignette

MUNICÍPIO do Parati. **A União**, Joinville, 31 de dezembro de 1933, p. 23. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/884308/55

O conservador, Desterro, 9 de fevereiro de 1855, p. 1-2. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/767719/21

PESCARIA também dá história. Correio do Povo, Jaraguá do Sul, 30 de maio de 1992, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/886440/29157

PEREIRA, Carlos da Costa. **Um capítulo da expansão bandeirantes**. São Paulo, 1931.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vinte luas : Viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil : 1503-1505**. 1992. Disponível em: https://archive.org/details/perrone-1992-vinte-luas-viagem-de-gonneville/page/8/mode/2up

REIS, Maria José (Org.). **São Francisco do Sul:** muito além da viagem de Gonneville. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

RODAGEM do Paraty ao Itapocú. **A Pátria**, São Francisco do Sul, 13 de agosto de 1907, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/883867/182

O SENHOR que consola e perdoa. **Jornal A Cidade**, Blumenau, 8 de agosto de 1972, p. 3 Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/882860/23315

SAINT-HILAIRE. **A Viagem a Província de Santa Catarina (1820)**. São Paulo, 1936.

SALLES, Urbano. Pescadores da nossa terra. Boletim Catarinense de folclore. 9-10, 1951. Disponível em: https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/884677/630

SANTOS, Sílvio. Notícias sobre os carijós, In: Reis, Maria José (Org.). **São Francisco do Sul:** muito além da viagem de Gonneville. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

SCHADEN, Egon. **Aspectos Fundamentais Da Cultura Guarani**. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

SCHMITZ, Pedro. Os carijós do litoral Meridional do Brasil: um espelho para os arqueólogos olharem os sítios arqueológicos. **Pesquisas, Antropologia** nº 73: 251-268. São Leopoldo, 2017. Disponível em: https://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/antropologia/volumes/073/012.pdf

SILVA, Ana Paula. **Alma na voz e mãos no tambor: catumbi de itapocu – uma fonte de criação musica**l. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina, 2020.

SOARES, Doralécio. Cacumbi ou Ticumbi: dança afro-brasileira no folclore catarinense. **Boletim Catarinense de Cultura**. Florianópolis, n. 52, p. 22

STANDEN, Hans. Duas Viagens Ao Brasil Hans Staden, 2008.

TAKUA, Cristine. "Teko porã, teko vaí" – o bem viver em tempos sombrios". In: **Revista das Línguas Ameríndias: ontem, hoje e amanhã.** Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (Org.). Fundação Memorial da América Latina. São Paulo, 2020.

ULRICH Schmidel, **Viaje al Río de la Plata (1534-1554)**. 2017.

VERLIDEN, Charles. Paulmier de Gonneville e os Índios do Brasil em 1504. **Revista de História**, São Paulo, v. 19, n. 39, p. 3–17, 1959.